

MENINAS E MENINOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E NA ESCOLA NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970 EM RIO AZUL-PR: O QUE PODERIA UM CORPO?

GIRLS AND BOYS IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES AND SCHOOL IN THE 1960'S AND 1970'S IN RIO AZUL-PR: WHAT COULD A BODY DO?

Nelson Princival Junior¹
Gláucia Andreza Kronbauer²

RESUMO

Este estudo é parte dos resultados oriundos de uma dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), de Irati-PR e tem como objetivo analisar as relações sociais estabelecidas sobre os corpos masculinos e femininos no contexto escolar, principalmente na Educação Física durante as décadas de 1960 e 1970 numa escola de Rio Azul-PR. Para isso, foram organizados dois grupos focais com mulheres ex-alunas que estudaram em Rio Azul-PR neste período. Foi constatado como as questões que envolviam corpo e gênero estavam presentes nas instituições escolares, a partir dos tipos de atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física e sobre as vestimentas utilizadas pelas alunas durante esta disciplina. Também foi verificado que a literatura acadêmica brasileira preza pelas aulas em conjunto entre meninos e meninas, mas que necessitam contar com apoio do professor para que não reproduzam possíveis conflitos entre os gêneros já existentes.

Palavras-chave: Ditadura militar. Corporeidade. Gênero.

ABSTRACT

This study is part of the results of a master's thesis carried out in the Postgraduate Program in Education (PPGE) of the Universidade Estadual

1 Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). E-mail: princivaljunior@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-3588-7612>

2 Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: glaucia.kronbauer@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-2338-7685>

do Centro-Oeste (UNICENTRO), in Irati-PR, and aims to analyze the social relations established on the male and female bodies in the school context, mainly in Physical Education during the 1960s and 1970s in a school in Rio Azul-PR. For this, two focus groups were organized with female former students who studied in Rio Azul-PR during this period. It was verified how the issues involving body and gender were present in school institutions, based on the types of activities developed in Physical Education classes and on the clothes used by the students during this discipline. It was also verified that the Brazilian academic literature values joint classes between boys and girls, but that they need to count on the teacher's support so that they do not reproduce possible conflicts between existing genders.

Keywords: Military dictatorship. Corporeality. Gender.

INTRODUÇÃO

Este estudo é parte dos resultados oriundos de uma dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), de Irati-PR e teve como objetivo analisar as relações sociais estabelecidas sobre os corpos masculinos e femininos no contexto escolar, principalmente na Educação Física durante as décadas de 1960 e 1970 numa escola de Rio Azul-PR.

Deste modo, o período selecionado para investigar essa temática se deu em função de algumas características que a Educação Física, atendendo as expectativas sociais da época, assumiu, dentre elas, pode-se destacar: a) formação de indivíduos para o mercado de trabalho; b) serviu como propaganda para o governo a partir dos desempenhos esportivos³; c) prezar pela ordem e disciplina dos corpos durante as atividades.

Este recorte temporal compreende o momento vivenciado no Brasil pela ditadura civil-militar em que um dos elementos presentes neste regime foi a censura, que conforme relata Soares, A. (2016), se manifestou a partir de duas formas distintas. Primeiro, sendo com o que se propagava pelos noticiários da mídia e, segundo, a partir do que a sociedade tinha de diversão, através das músicas, filmes, programas de televisão e das atividades físicas que deveriam preconizar pela "moral e bons costumes".

3 Exemplo disso é a conquista da Copa do Mundo de 1970 pela Seleção Brasileira de futebol masculino.

Portanto, é necessário problematizar as questões de gênero no contexto da Educação Física Escolar em diferentes épocas para que seja possível analisar como que as condições para aprendizagem das práticas corporais vêm sendo oferecidas a meninos e meninas. Sendo assim, Jacoby e Goellner (2019, p. 2) comentam que gênero é aprendido a partir das relações que são constituídas entre as pessoas e tratam da importância que a Educação Física assume na sua formação:

[...] gênero não é inato, mas aprendido nas mais diferentes instâncias sociais, inclusive na escola, cabe destacar que a Educação Física se configura como um território no qual acontece essa aprendizagem, visto que se traduz como um espaço generificado (marcado pela diferença de gênero) e generificador (produtor da diferença de gênero).

Nesse sentido, para este trabalho compreende-se a categoria gênero como elementos sociais que são impostos sobre os corpos masculinos e femininos e que buscam definir quais devem (e quais não devem) ser os seus comportamentos nas diferentes áreas de convivência comunitária, bem como em relação aos seus próprios corpos, como por exemplo, por meio de adereços, vestimentas e de estilos de cortes de cabelo.

Assim, identifica-se a disciplina de Educação Física como um mecanismo de grande importância, tanto na esfera escolar, quanto na comunidade como um todo, para abordar questões que perpassam pelas relações estabelecidas entre os gêneros. Diante disso, percebe-se a necessidade de abordar assuntos relacionados ao corpo e gênero durante as aulas de Educação Física em décadas passadas, como no caso deste trabalho, nas décadas de 1960 e 1970, pelo fato de que muitas das relações que foram construídas neste período, se manifestam na atualidade, principalmente nos municípios de pequeno porte.

PERCURSOS METODOLÓGICOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a qual, segundo Goldenberg (2005), objetiva analisar as peculiaridades de uma

temática e de seus significados para um determinado grupo social. Foram realizados dois grupos focais com oito mulheres que estudaram numa escola do município de Rio Azul-PR. Tendo em mente que este artigo se baseia nas vivências dessas mulheres, não há a necessidade de um número expressivo de sujeitos para participar da pesquisa. Deste modo, o grupo focal auxilia para que as participantes possam se sentir à vontade ao lembrar dos momentos vivenciados na época em que eram alunas. Esta técnica também contribui para que a partir do momento em que uma participante está falando, as demais possam lembrar de outros elementos que até então iria passar despercebido, deste modo, o diálogo entre todos naquele momento, passa a fluir de maneira natural, sendo assim, Barbour (2009) relata que por meio do grupo focal os sujeitos falam uns com os outros, extrapolando a ideia de entrevista entre sujeito pesquisado e pesquisador.

Foram utilizados nomes fictícios para preservar as identidades das mulheres participantes do estudo, as suas informações encontram-se sintetizadas no quadro abaixo:

Quadro 1 – Informações sobre as mulheres participantes do estudo.

Sujeitos	Idade	Estado civil / é mãe?	Formação / Escolaridade	Ocupação
Júlia	65	Casada / 2 filhos	Ensino médio	Secretária em um colégio há 27 anos.
Maria	62	Casada / 3 filhas	Ensino médio e magistério	Dona de casa.
Lúcia	54	Solteira / sem filhos	Pedagoga / Pós-graduada em Psicopedagogia	Atuou como Secretária de Educação por 20 anos. Atualmente é dona de casa.
Paula	59	Viúva / 2 filhos	Ensino médio / técnico de contabilidade	Exerceu a função de balconista em mercado por 40 anos. Atualmente é dona de casa.
Cristina	60	Casada / 2 filhos	Ensino médio / técnico de contabilidade	Dona de casa.
Tereza	60	Casada / 2 filhos	Ensino médio	Servidora pública municipal, no cargo de serviços gerais.
Antônia	60	Casada / 2 filhos	Ensino médio	Dona de casa.
Cecília	58	Casada / 1 filha	Ensino médio	Dona de casa.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Também se faz necessária a contextualização do município de Rio Azul para que melhor sejam compreendidas quem são as mulheres participantes deste estudo. Assim, Rio Azul é um pequeno município do interior do estado do Paraná, localizado a cerca de 190 km da capital Curitiba, com aproximadamente 15.330 mil habitantes (IBGE, 2020). Encontrando no âmbito da agricultura a sua principal fonte econômica, especialmente nos cultivos de tabaco, soja e milho, o que se dá por conta da ampla extensão de seu território rural.

A UTILIZAÇÃO DO CORPO NAS PRÁTICAS CORPORAIS NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970 EM RIO AZUL-PR

Ao abordar sobre a socialização envolvendo meninos e meninas nas aulas de Educação Física, constatou-se que até a 4ª série as atividades eram realizadas junto com os meninos. Porém, as ex-alunas relatam que ao passarem para a 5ª série, o que hoje corresponde aos anos finais do Ensino Fundamental, as aulas de Educação Física acabaram sendo divididas para os meninos e para as meninas.

Acredita-se que a separação por sexos a partir da 5ª série se dê por conta do que se esperava para os meninos e meninas, pois caberia a eles serem incluídos no mercado de trabalho, sobretudo em funções de governança, enquanto a elas, o cuidado do lar e, quando incluídas no mercado de trabalho, a ocupação de papéis secundários, ou então de profissões que envolviam o cuidado com o outro, como por exemplo, a profissão de professoras e de enfermeiras. Ainda que muitas mulheres já se encontrassem incluídas no mercado de trabalho, as aulas eram diferentes para cada um dos sexos. Portanto, observa-se o corpo enquanto um objeto da cultura, que age e se expressa a partir dela, assim, Soares, A. (2016) discorre sobre o corpo durante a época da ditadura civil-militar:

O corpo é um espaço e elemento social carregado de subjetividades, signos e teores simbólicos, que refletem a tentativa de enquadramento e domesticação moral, a qual era o objetivo dos órgãos de repressão e censura, concebida nos anos de vigência da ditadura militar (SOARES, A., 2016, p. 17).

Sobre o corpo feminino, Costa (2013) argumenta:

A mulher continua presa ao modelo tradicional da cultura machista e da dominação masculina, submissa às múltiplas gestações, na busca da tríade perfeição física: beleza, saúde e juventude. Todo o trabalho de socialização do corpo feminino tende impor limites à mulher. (COSTA, 2013, p. 3).

Neste sentido, Daolio discute em relação ao nascimento de um filho ou de uma filha e de como o processo de educação será encarado pelos seus pais, uma vez que “Sobre um menino, mesmo antes de nascer, já recai toda uma expectativa de segurança e altivez de um macho que vai dar sequência à linhagem [...] em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados” (DAOLIO, 1995, p. 102).

Ao considerar estes elementos a respeito dos meninos e das meninas, é levantada a questão do corpo desviante⁴, no sentido do seu significado e impacto para as demais pessoas a sua volta, assim, é necessário refletir sobre como estes corpos desviantes são encarados pelas demais pessoas, seja dentro das instituições escolares ou seja na própria vizinhança que convive.

Estas atribuições e expectativas sobre meninos e meninas na época da ditadura civil-militar ocorriam por conta da necessidade que se tornassem corpos dóceis a este regime, pois a “moral e os bons costumes” ocupavam grande importância neste contexto (SOARES, A. 2016).

Alguns dos impactos causados por conta dos corpos desviantes para os meninos são: o menor grau de estímulo motor, o que é resultado de menor convivência e interação com os demais; a sua confiança na execução das tarefas motoras é diminuída, pois é julgado pelos colegas. Por sua vez, para as meninas que possuem um melhor desenvolvimento motor quando comparada com as suas colegas, por vezes se deparam incluídas num lugar de não-lugar dentro das aulas de Educação Física, ou seja, enfrentam dificuldades em relação ao espaço que vão fazer uso dentro das atividades desenvolvidas nesta disciplina.

Assim sendo, é inegável que estas atribuições sociais implicam na aprendizagem dos conteúdos da Educação Física, mas a Cristina comentou que ambos os sexos puderam se desenvolver: “O vôlei

4 Soares, A. (2016) utiliza o termo “corpo desviante” ao se referir aos corpos que não se enquadram as características definidas como ideais por meio das relações sociais.

foi excelente como o futebol foi" (Cristina). Todavia, mesmo que tenham a sua contribuição no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos da Educação Física, se faz indispensável a diversificação e maior abrangência das práticas corporais, tanto para os meninos quanto para as meninas, visto que deste modo será ampliado o repertório motor dos alunos e das alunas durante as aulas de Educação Física.

Por sua vez, Lúcia apontou para uma maior variação dos conteúdos aos meninos:

Na própria família da gente, vamos dizer o karatê, o judô... não! É só para o menino, a menina não pode! [...] eu queria jogar futebol, eu gostava, mas não pode. É feio jogar com os meninos [...] eu acho que é tudo questão de época (Lúcia).

Sobre os comportamentos das meninas nas aulas de Educação Física a partir do que se espera pelas relações sociais que foram estabelecidas, Daolio (1995) traz um relato que vivenciou numa aula de Educação Física voltada para alunas da 6ª série. O autor comenta sobre uma aluna que até então estava feliz pelo seu desempenho durante a aula e que ao perceber que seu corpo estava suado, sentiu nojo de si mesma e proferiu algumas frases que diziam como uma garota deveria se encontrar, sendo assim constata-se a existência uma construção cultural que recai sobre os sexos, influenciando como meninos e meninas fazem o uso de seus corpos. Percebe-se, então, que a menina ao realizar a Educação Física precisava "manter o feminino", havendo toda uma preocupação relacionada aos movimentos de seu corpo durante as práticas corporais (SOUZA, 2000).

Costa (2013, p. 3-4) comenta que se para as meninas existem normas sociais ditando como se devem comportar e se expressar, para os meninos esta realidade não é diferente:

[...] Cabe lembrar que os meninos também são pressionados a cumprir os requisitos do modelo à custa da supressão dos sentimentos e quem não corresponde ao modelo de masculinidade hegemônica é marginalizado na escola e, principalmente nas aulas de Educação Física. Se os alunos se deslocam para além

da fronteira meninos e meninas, são marginalizados, por exemplo: no conteúdo futebol se o menino não participa, é discriminado e chamado de “gay, bicha” porque faz parte do rito da masculinidade. Por outro lado, se as meninas forem bem sucedidas no futebol ultrapassam a fronteira da feminilidade e são consideradas “sapatão”. (COSTA, 2013, p. 3-4).

Esses entendimentos são (re) produzidos dentro da família, se perpetuando ente gerações e chega até as crianças e acaba repercutindo nas instituições escolares. Desta maneira, determinadas “verdades” que dizem respeito aos corpos masculinos e femininos, muitas vezes a partir do elemento biológico, foram se perpetuando entre as gerações (VIANNA; SOUZA; REIS, 2013). Portanto,

Mesmo antes de nascer, os pais criam uma expectativa relacionada ao sexo das crianças, que serão vestidas com a cor “ideal”, brincarão com os jogos e brinquedos “apropriados”, e deverão se comportar segundo os padrões estabelecidos pela sociedade. É desta forma que nossas crianças aprendem e reproduzem como devem desempenhar os papéis que lhes são atribuídos, demonstrando, assim, o quanto já absorveram das expectativas dos adultos. (RUSSONI ET AL., 2006, p. 01).

As ex-alunas foram indagadas sobre a separação por sexos nas aulas de Educação Física. Algumas delas acreditam nessa separação por conta de que:

“eu acho que pela menina ser mais frágil” (Maria).

“eu acho que antes pensava que a menina era mais frágil, não podia fazer exercício mais pesado⁵, a piizada⁶ ia lá e corriam, chutavam bola e davam bolada um no outro e a menina era considerada mais feminina, os exercícios eram diferentes, mais leves, mais delicados” (Júlia, grifos nossos).

5 Júlia está se referindo a intensidade física das atividades.

6 Piá, piás, piizada. Significado: gíria utilizada com grande frequência no Paraná para se referir aos meninos.

“a educação, a cultura, meninos jogavam futebol, as meninas [jogavam] a queimada, vôlei” (Cristina).

Por sua vez, Lúcia respondeu: “a gente cresceu ouvindo que menino é esse e menina é esse”, relatando que distinção se baseava nos entendimentos da época sobre as relações entre meninos e meninas. Dando sequência à Lúcia, Paula complementa “até na roupa, você não usava roupa azul, porque era de piá”. Logo, existiam diversas formas prevendo como os indivíduos deveriam se manifestar e se expressar em sociedade, o que estava diretamente ligado com os tipos de atividades física, as roupas e as ocupações dos espaços.

Percebe-se que as aulas eram preparadas de modos distintos para meninos e para meninas. Essa segregação por sexos ocorria, dentre outros motivos, pelo desempenho entre meninos e meninas nas atividades de Educação Física. Na fala de Júlia, também é levantado um valor para o termo “feminina”, com significado para um ser mais fragilizado. Souza e Altmann (1999, p. 57) contribuem nesta discussão:

Essa história mostra que na aparência das diferenças biológicas entre os sexos ocultaram-se relações de poder – marcadas pela dominação masculina – que mantiveram a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, mesmo após a criação da escola mista, nas primeiras décadas deste século. Buscou-se manter a simbologia da mulher como um ser dotado de fragilidade e emoções, e do homem como força e razão, por meio das normas, dos objetos, do espaço físico e das técnicas do corpo e dos conteúdos de ensino, fossem eles a ginástica, os jogos ou – e sobretudo – os esportes.

A partir disto, levanta-se a seguinte problematização: se os papéis ocupados por meninos e meninas ao longo dos anos fossem invertidos e que elas fossem estimuladas em maiores proporções para os diversos tipos de atividades físicas, será que elas desempenhariam estas atividades com maiores habilidades motoras do que os meninos?

Pensar desta maneira faz com que seja necessário compreender que a separação entre meninos e meninas nas atividades de Educação Física, a partir do momento que se resume ao objetivo de equilibrar as suas respectivas habilidades corporais, está baseada numa

cultura perpetuada ao longo dos anos, a qual possibilitou um maior desenvolvimento motor de um sexo em relação ao outro.

Deste modo, a separação por sexos que é mencionada, ocorria em detrimento de discursos usados neste período que visavam pelos corpos dóceis. O corpo masculino era tido como um corpo forte, enquanto que, o feminino, encarado como um corpo belo e que deveria gerar filhos saudáveis. Entretanto, do mesmo modo que tem a ideia do corpo masculino relacionado à força, tem-se o seu entendimento como um corpo docilizado, pois estava sendo moldado a partir dos interesses sociais que vigoravam no país naquela época. Inclusive, vale ressaltar que esta segregação a partir dos sexos durante as atividades de Educação Física, estava prevista no Decreto Lei nº 69.450 de 1971:

Art. 5º Os padrões de referência para orientação das normas regimentais da adequação curricular dos estabelecimentos, bem como para o alcance efetivo dos objetivos da educação física, desportiva e recreativa, são situados em: [...] III- Quanto à composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física (BRASIL, 1971).

Nela, era possível compor as turmas buscando igualar o nível de habilidade motora entre os alunos e alunas. Esta legislação se direcionava a uma perspectiva de Educação Física que objetivava exclusivamente o desenvolvimento da aptidão física, tanto no que se refere ao desempenho esportivo, quanto ao desenvolvimento corporal ligado ao mercado de trabalho (CASTELLANI FILHO, 1988). No entanto, mesmo que uma aluna com nível de desempenho motor nas práticas corporais que se assemelhava dos meninos, ainda estaria realizando as atividades com as meninas, assim identificamos que as aulas de Educação Física estavam sendo separadas a partir do sexo e não por meio da aptidão física-motora.

A partir da década de 1990, as aulas de Educação Física foram desenvolvidas de maneira conjunta entre meninos e meninas (ALTMANN; AMARAL; FERREIRA, 2010). Logo, ao analisar esta disciplina, percebe-se que as aulas mistas⁷. Sendo que, algumas situações relacionadas a separação por sexos nas aulas de Educação Física, ainda se cultivam na rotina escolar.

7 Aulas mistas se referem a participação conjunta entre meninos e meninas durante as aulas de Educação Física.

Portanto, é importante problematizar as atividades realizadas por meninos e meninas nas aulas de Educação Física, quando são realizadas em conjunto entre os sexos. Assim, podem ser analisadas as relações estabelecidas entre ambos os sexos nas ocupações dos espaços nas aulas de Educação Física e, refletir se a partir das aulas mistas se equilibram as suas participações nas atividades desenvolvidas. A respeito das aulas mistas na disciplina de Educação Física, alguns pesquisadores relatam preocupação a respeito de sua eficácia no processo de ensino-aprendizagem envolvendo meninos e meninas, visto que apenas organizar meninos e meninas dentro de uma atividade sem um suporte adequado por parte do professor, não se caracteriza como uma aula mista, somente reproduzindo os possíveis conflitos de gênero que já expressam neste ambiente. (BEHMOIRAS; WIGGERS, 2013; JACOBY; GOELLNER, 2019; FURLAN; SANTOS, 2010).

Em pesquisa realizada por Lima (2015) tratando das “aulas inovadoras⁸”, percebe-se maior participação entre meninos e meninas do que naquelas aulas que são trabalhados conteúdos que os alunos e alunas já estão habituados. Ocorre justamente pelo motivo de ambos os sexos partirem do mesmo ponto, denominado como, do ponto de “não saber”. Deste modo, é no “não saber” que irão obter as primeiras experiências na referida atividade e assim a habilidade motora não influencia de maneira significativa na apropriação de um sexo sobre o outro na atividade.

Lima (2015) defende a importância da diversificação nos conteúdos pedagógicos abordados na Educação Física. Comenta que extrapolando as novas habilidades e estímulos mentais e físicos que serão abordados, serão proporcionadas novas conexões entre meninos e meninas e com isso terá melhor participação na disciplina.

Por outro lado, é necessário problematizar sobre as estratégias metodológicas utilizadas no ensino dos conteúdos tradicionais da Educação Física. Visto que, tem-se a impressão que em alguns casos a Educação Física acaba reproduzindo o que os alunos e as alunas já sabem, como se não existisse nada de novo de ser ensinado, negligenciando os próprios intuítos da Educação Física que são

8 “Aulas inovadoras”, nesse caso, dizem respeito aquelas aulas em que o professor aborda um determinado conteúdo pedagógico que seus alunos e suas alunas até o momento não estão habituados.

justamente de possibilitar a inserção de alunos e alunas na cultura corporal, como um conhecimento corporal-cognitivo sistematizado.

Moraes (2017) traz p relato de uma professora sobre um ambiente harmonioso entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física:

Na verdade sempre há uma diferença. A questão assim é, ao longo né, que nem você citou no início, ao longo de uma experiência de uma forma de trabalho eu sempre trabalhei com crianças, adolescentes e alunos/as. Então quando se fala em gênero ou semelhanças, diferenças, sempre há. Mas é uma coisa assim tão natural para nossos alunos que pra gente acaba sendo natural também. Enquanto professora, eu nunca me choquei com nada nesse sentido, eu sempre achei bonito e tive vários alunos que na hora de escolher a atividade que supostamente seria dirigida para as meninas optavam por ficar com elas. As meninas da mesma forma, hoje eu quero jogar futebol com os meninos... Então assim, eu nunca percebi ao longo da minha história, enquanto educadora, algo que desabonasse a atitude de ambos. Pra mim sempre foi tudo muito natural. Muito tranquilo. (MORAES, 2017, p. 88).

Nas entrelinhas de um discurso de harmonia, o olhar atento permite observar uma Educação Física para os meninos e uma Educação Física para as meninas. Conforme a professora descreve, constata-se um tratamento natural para a separação entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física, embora que se permita que participem juntos. Além disso, se evidencia que para a professora, o futebol é uma prática corporal masculina. Ou seja, embora este relato dê a impressão de cumprir com uma ideia de que meninas e meninos podem realizar as mesmas atividades, reforça a existência de atividades direcionadas para um e para outro e que é exceção que meninos participem de atividades pensadas para meninas ou vice-versa. Também se percebe uma Educação Física realizada a partir do gosto dos alunos em realizar determinadas atividades, ficando secundarizados os conteúdos obrigatórios.

Oliveira, (2004, p. 13) argumenta que no período da ditadura civil-militar havia “[...] uma grande preocupação com o tempo livre,

com o lazer, com a educação integral da criança, com os valores morais de um mundo em crise pela técnica e pela ciência". Sendo assim, o esporte nas aulas de Educação Física:

[...] foi a coroação de um mundo de competição, concorrência, liberdade, vitória, consagração. Sugerido de forma exclusiva pelos órgãos oficiais para a educação física escolar, ele carregava toda a simbologia de um mundo de lutadores e vencedores. (OLIVEIRA, 2004, p. 13).

Deste modo é possível compreender o motivo pelo qual se tinha uma Educação Física dividida para cada sexo, visto que, havia a necessidade em proporcionar uma maior competição entre os alunos nas aulas de Educação Física para buscar por possíveis talentos esportivos.

Identifica-se também como os conteúdos escolares eram pensadas para cada sexo, pois se existiam expectativas sociais diferentes para meninos e para meninas. Lúcia comenta sobre este assunto. Ela aponta para os aspectos corporais como se fossem elementos que não possibilitavam a participação envolvendo os alunos com as alunas:

"[...] e eu acho que talvez era separado porque conforme o exercício que a gente ia fazer, os piás tiravam sarro... na época já era adolescente né"? o corpo já estava se desenvolvendo" (Lúcia).

Na fala em questão, percebe-se duas questões que merecem atenção. A primeira sobre o bullying⁹ nas atividades de Educação Física e em segundo lugar, sobre o desenvolvimento corporal das alunas, com o ganho de novos contornos físicos. Para Lúcia, estes elementos, se configuram como possíveis justificativas para separar as meninas dos meninos nas aulas de Educação Física. Nesse sentido, Júlia complementa e relata sobre as vestimentas que eram utilizadas pelas meninas no período em que foi aluna:

"eu lembro que a gente usava a roupa de saíote, era o shorts de baixo e uma saia por cima, era curta. E os

9 Trata-se de uma prática repetitiva de atos de violência física e/ou psicológica, por meio da intimidação, humilhação e de xingamentos de um sujeito ou grupo contra uma pessoa.

piás eu acho que gostavam de ver as meninas. Então por isso eu acho que era separado, talvez seja isso. Daí tinha que ir de uniforme, não fazia a Educação Física se não estivesse de saio... da mesma cor da blusa, no tempo que eu estudava era cinza" (Júlia, grifos nossos).

A figura abaixo trata de uma turma feminina do Ginásio Estadual "Dr. Chafic Cury", de Rio Azul. Nesta imagem as alunas estão vestindo o saio, que foi comentador por Júlia:



Figura 1- Turma feminina do Ginásio Estadual "Dr. Chafic Cury" em que todas estão trajadas com o saio.

Fonte: Página do Facebook - Chafic 60 anos.

A imagem acima que não foi possível obter a data exata, traz uma turma composta exclusivamente por meninas, sendo que todas estão vestindo o saio. Por conta de um ato nacionalista, uma das pessoas na imagem com posse de uma bandeira, está uniformizada de maneira distinta das demais. Além disso, identifica-se um dos elementos que se buscavam nas escolas na época da ditadura

civil-militar, que era a disciplina, pois, os braços estão sobre as coxas ou então estendidos ao lado do tronco. Este fato que pode passar despercebido, ou então parecer não dizer nada, possui grande significado em relação a educação dos corpos, pelo fato de demonstrar que além da uniformidade com as roupas, as alunas também deveriam se comportar corporalmente em consonância com as demais.

Portanto, tem-se a preocupação com o corpo exposto, que implica no uso dos uniformes com objetivo de distinguir as roupas que eram utilizadas pelos meninos das roupas utilizadas pelas meninas. Por trás de um discurso que visa “proteger” as crianças de constrangimentos que possam a vir ser provocados pelas roupas, o uso dos uniformes escolares implica na anulação das individualidades e camufla as desigualdades sociais existentes.

Ao considerar que meninos utilizavam roupas diferentes das meninas é necessário problematizar quais eram os movimentos corporais que o uso do uniforme escolar dos meninos e das meninas possibilitava e limitava, bem como indagar se ambos os sexos tinham as mesmas oportunidades de movimentos corporais em função destes uniformes.

O objetivo de distinguir as roupas utilizadas por meninos das roupas das meninas, se dá por conta da educação do corpo, que aborda elementos como, por exemplo, a maneira de se sentar e dos gestos corporais e faciais. Soares, C. (2011, p. 68) menciona que “as roupas guardam em sua materialidade todo um conjunto de sentimentos e de valores que as sociedades elaboram no fio do tempo; elas não apenas protegem, mas trazem também distinção, conforto, provocam sentimentos, seduzem”. Logo, considerando que meninos e meninas assumem e possuem papéis distintos, há a necessidade da utilização de uniformes pensados para cada um dos sexos.

As roupas utilizadas pelos meninos proporcionavam uma série de atividades, que talvez as roupas que as meninas faziam uso não possibilitariam e vice-versa. Portanto, possivelmente a utilização do saio limitava determinados movimentos corporais. Ao serem questionadas sobre o uso do saio nas aulas de Educação Física, uma delas respondeu:

“Eu me sentia bem porque naquele tempo não podia usar saia curta daí colocava roupa mais curta e ficava faceira” (Júlia).

Assim,

o corpo e os usos que fazemos dele são construções condicionadas pela história. Isso significa afirmar que cada sociedade, em diferentes tempos e espaços, cria significados distintos para as ações corporais, de acordo com os preceitos, as regras e os valores vigentes (KOTLINSKI e colaboradores, 2019, p. 1).

Deste modo, compreende-se o corpo como sendo uma construção histórica-social e, o modo pelo qual se faz o seu uso, a partir, por exemplo, das vestimentas e das práticas corporais, e como os sentimentos se manifestam em relação a ele mesmo, como por conta de questões estéticas e desejos, ocorrem pelas relações históricas que foram se propagando ao longo dos anos.

Entretanto, na percepção das mulheres participantes do estudo, quando foram questionadas em relação às possibilidades de utilização do corpo durante a Educação Física, por estarem utilizando o saio e se limitaria a execução do movimento, responderam que não impedia. Júlia disse que “não, porque era mais curto”, no mesmo sentido, Cristina contou “era de elástico, não era colado no corpo”. Ao serem indagadas sobre o motivo do uso deste saio, Cristina respondeu:

“pra poder obter um movimento melhor, o uniforme da época do colégio era muito justo [...] ia de saia¹⁰, como que ia realizar o movimento?” (Cristina).

Soares, C. (2011, p. 81) revela que a partir da década de 1930 “as saias rodadas são substituídas por aquelas mais justas e menos longas para a prática de esportes, o que, sem dúvida, favorece os movimentos e dá mais prazer às suas praticantes”. Para a autora, “Há um apelo à ação dos corpos, uma mobilização para o movimento e uma atenção mais direta à resistência física, a uma *performance* corporal traduzida por uma aparência jovem e ousada, sempre destacada pelas roupas” (p. 69).

Logo, evidencia-se que o corpo está diretamente relacionado com gênero, e que se expressa por meio das relações sociais que

10 Neste caso, a ex-aluna se refere a saia do uniforme que era utilizada dentro de sala de aula, diferente do saio utilizado nas aulas de Educação Física.

foram impostas ao longo dos anos. Percebe-se que desde o início da vida escolar recaem normas sociais sobre meninos e meninas que devem ser seguidas e que definem como as relações sociais são estabelecidas dentro das instituições escolares e, que possivelmente serão repassadas para a vida adulta destes alunos e destas alunas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que a preocupação com o corpo estava presente nos tipos de atividades desde o início da jornada escolar e da própria instituição familiar. Sendo que, é principalmente a partir do momento que o corpo começa a se desenvolver e ganhar novas características físicas, que as atividades nas aulas de Educação Física são direcionadas de modo distinto para meninos e meninas.

Nesse contexto, compreende-se que a organização de turmas homogêneas em relação ao sexo para a prática das atividades de Educação Física, não proporciona algumas reflexões entre as pessoas e reproduz alguns tabus, como por exemplo: "piá com piá, menina com menina". Deste modo, é por meio das aulas mistas, desde que direcionadas com o suporte do professor, que os alunos irão conviver com as diferenças de gênero e evitar a reprodução de determinados estereótipos que foram perpetuados ao longo dos anos.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H; AMARAL, S. C. F; FERREIRA, C. d. S. Educação Física escolar e gênero: um estudo transcultural. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis, 2010.

BARBOUR, R. **Grupos focais**. Tradução Marcelo Figueiredo Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BEHMOIRAS, D. C; WIGGERS, I. D. Discriminação de gênero em aulas de Educação Física do ensino médio. **XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte**. Brasília, 2013.

BRASIL. **Decreto Lei nº 69.450, de 1 de novembro de 1971**, 1971. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-69450-1-novembro-1971-418208-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Art.,das%20finalidades%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.>> Acesso em: 12/11/2020.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. Campinas: Papyrus, 1988.

COSTA, M. R. Gênero e sexualidade. Brasília: **XVIII Congresso Brasileiro de**

Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Brasília, 2013.

DAOLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em “antas”. ROMERO, E. (org.). **Corpo, mulher e sociedade.** Campinas: Papirus, 1995b, p. 100-108.

GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar:** Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FURLAN, C. C; SANTOS, P. L. d. Além das aparências: gênero e corpo no cotidiano da educação física escolar. **Seminário Internacional Fazendo Gênero.** Florianópolis, 2010.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020.

JACOBY, L. F; GOELLNER, S. V. Educação Física e coeducação: percepções de estudantes do ensino médio de uma escola pública. **XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte.** Natal, 2019.

LIMA, R. R. **As relações de gênero no espaço da Educação Física escolar no município de PIO XII-MA.** Dissertação de Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade. Universidade Federal do Maranhã, 2015.

MORAES, A. C. d. **Gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física:** percepções de professores/as e alunos/as da escola itinerante de Lages/SC. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade do Planalto Catarinense, 2017.

OLIVEIRA, M. A. T. d. Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. Campinas: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 2, 2004.

RUSSONI, M. d. O; et al. Educação Física escolar: aula mista ou separada por gênero? **Seminário Internacional Fazendo Gênero.** Florianópolis, 2006.

SOARES, A. d. S. **Discursos e representações do corpo durante a ditadura militar no Brasil (1968-1979).** Dissertação de Mestrado em História da Universidade Federal do Rio Grande. Natal, 2016.

SOARES, C. L. **As roupas nas práticas corporais e esportivas:** a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas: Autores Associados, 2011.

SOUZA, E. R. d. Gênero nas aulas de Educação Física: um olhar sobre a (re) produção das desigualdades da infância. **Seminário Internacional Fazendo Gênero.** Florianópolis, 2000.

SOUZA, E. S. d; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedex**, ano XIX, n° 48, 1999.

VIANNA, J. A; SOUZA, S. M; REIS, K. P *Bullying* e gênero nas aulas de Educação Física. **XVIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e V Congresso Internacional de Ciências do Esporte.** Brasília, 2013.

Submetido em maio de 2022

Aceito em julho de 2022

Publicado em dezembro de 2022

